

A Morte Como Forma de Redenção dos Pecados em Contos de *A Vida Como Ela É...*, de Nelson Rodrigues

Death as Redemption of Sins in Tales of *A Vida como Ela É...* by Nelson Rodrigues

Regina Aranda da Cruz Galo^{a*}; Sonia Aparecida Vido Pascolati^a

^aUniversidade Estadual de Londrina, PR, Brasil

*E-mail: regina_aranda@yahoo.com.br

Resumo

A obra *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues, é constituída por uma seleção de contos que giram em torno das eternas obsessões do escritor, tais como amores proibidos, adultérios, família, perversões e, principalmente, morte. A simples menção da última palavra ou mesmo a presença subentendida e constante do tema em diversas narrativas da obra mostrou-se um terreno fértil para o estudo da representação desta temática nos contos rodrigueanos. Deste modo, esta pesquisa buscou estudar a presença da figura da morte nos contos “O justo”, “A missa de sangue” e “O inferno”, selecionados no intuito de analisar como a temática aparece como meio de redenção dos pecados cometidos pelas personagens na obra. Tomando como mote a expressão “A um morto se perdoa!” presente nos dois primeiros contos e subentendida no terceiro, o estudo faz uma análise comparativa entre as formas de morrer apresentadas pelas personagens e o significado libertador que a morte assume para estas no desfecho de cada narrativa.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Morte. Redenção. Pecados.

Abstract

The piece A Vida como Ela é... (Life as It Is...) by Nelson Rodrigues is constituted by a selection of tales that deal with the author's eternal obsessions, such as forbidden affairs, adultery, family, perversions, and mainly death. The mention of the last word or even the implied and constant presence of the topic in several narratives of the piece has showed to be a fertile ground for the study of the representation of this topic in tales by Nelson Rodrigues. Thus, this research aimed to study the presence of death in the tales O Justo, A Missa de Sangue, and O Inferno, selected with the aim of analyzing how the topic appears as redemption of the sins committed by the characters in the piece. Using the expression A um morto se perdoa! (A dead person shall be forgiven) which is present in both the first and second tales, and which is implied in the third one, this research carries out a comparative analysis between the characters' death and the rescuer meaning it receives at the end of each narrative.

Keywords: Nelson Rodrigues. Death. Redemption. Sins.

1 Introdução

A temática da morte perpassa toda a vida humana e estabelece uma relação conflituosa do indivíduo com seu próprio *eu*. Por temer a própria morte, o homem atravessou séculos tentando afastá-la de seu cotidiano e esforçando-se para compreendê-la (ARIÈS, 2003, p.265); porém, ao tomar consciência de sua finitude, atribuiu-lhe significados que vão além da simples compreensão da fragilidade da própria vida. Em diversas culturas, a morte sempre foi encarada como elemento cercado de misticismo, capaz de despertar sentimentos antagônicos de fascínio e repulsa, emoções estas repassadas às gerações seguintes por meio do registro de pensamentos e impressões, encontrando na literatura uma ferramenta capaz de resistir ao tempo e ainda conservar tais questionamentos. Assim, é correto dizer que a morte ocupa o mesmo patamar de temas como o amor e a guerra, assuntos constantemente evocados na literatura mundial. É figura recorrente em território poético, mas encontra também nas páginas de romances e contos um terreno fértil para suas mais diversas representações.

Relacionando a temática da morte à literatura nacional – que apresenta em sua trajetória exemplo de autores como Álvares de Azevedo com seus poemas mórbidos e Rubem Fonseca com enredos marcados por crimes e violência – pode-se considerar que o dramaturgo Nelson Rodrigues é um dos inúmeros escritores brasileiros que fizeram da morte uma constante em sua produção. Além de apresentar um temperamento mórbido, o autor teve a vida marcada por diversos episódios tristes (a miséria, a tuberculose, o homicídio do irmão, a morte do pai) que acabaram por influenciar a criação de sua escrita, transportando para grande parte de suas produções as múltiplas faces da morte. Em suas obras, sejam elas peças de teatro, romances ou contos, o tema aparece diversas vezes associado a reflexões de ordem moral. Suas narrativas retratavam basicamente o universo da sociedade carioca e acabaram amplamente influenciadas pelo jornalismo policial que tanto fez parte de sua vida.

Em *A vida como ela é...*, antologia organizada pelo próprio autor que reuniu em um único volume uma pequena parte dos mais de 2.000 contos publicados no Jornal *A Última Hora* durante o período de 1951 a 1961; suicídios, homicídios

e pactos de morte são temas abordados com frequência nas narrativas. Como tema recorrente na maioria dos 100 contos que compõem a coletânea, verificou-se que a morte acaba atuando como agente desencadeador de revelações, vinganças ou até mesmo como forma de redenção, assumindo assim duas posições nas narrativas: a de gatilho dos acontecimentos ou de solução de um conflito. Além disso, é possível ainda perceber que as atitudes adotadas pelas personagens diante das situações em que a figura da morte se faz presente conduzem o leitor a uma interpretação de emoções e sentimentos (culpa, ciúme, obsessão) e acabam por evidenciar a ironia dos fatos ocorridos.

Nesse viés, a pesquisa justifica-se pela possibilidade de estudar a representação da figura da morte na obra em questão, mais especificamente em três contos: “O justo”, “A missa de sangue” e “O inferno” (RODRIGUES, 2006). Este recorte constitui o *corpus* do estudo e delimita os objetivos deste trabalho que, ao tomar como ponto de partida a expressão “A um morto se perdoa!” presente nos dois primeiros contos selecionados e subentendida no último conto, procura analisar a morte como forma de redenção dos pecados cometidos pelas personagens.

2 Desenvolvimento

2.1 Nelson Rodrigues e a tessitura de *A vida como ela é...*

Importante dramaturgo, cronista e jornalista brasileiro, Nelson Rodrigues (1912-1980) é considerado atualmente um dos maiores autores de teatro do século XX, responsável por revolucionar a cena nacional com a peça *Vestido de Noiva*, abrindo portas para dramaturgia moderna no país. Em sua trajetória de produções até chegar ao reconhecimento, o dramaturgo trilhou um árduo caminho marcado por tragédias familiares, censuras políticas e pela crítica contraditória da época. Entretanto, embora seja atualmente reconhecido por sua produção dramaturgicamente, o teatro nem sempre foi a principal paixão do autor. Se houve alguma paixão, esta foi o jornal (CASTRO, 1992).

Por haver atuado durante muito tempo como repórter policial, Nelson reuniu vasta experiência na observação dos tipos que compunham a sociedade carioca entre as décadas de 40 e 50, fato que auxiliou na construção de suas personagens, temperando com certa realidade os enredos que, dotados de temáticas chocantes, trouxeram para a luz dos holofotes os tipos e as histórias do mundo carioca. Em decorrência de uma vida inteira dedicada ao jornalismo e também ao dom especial para contar histórias, Nelson Rodrigues tornou-se um ficcionista urbano, buscando nos *fait divers* noticiados pelos jornais o seu principal combustível ficcional. Sua vida pessoal foi marcada pela polêmica e pelos episódios tristes envolvendo sua família, o que influenciou o seu estilo de escrever. Mesmo encontrando adversidades devido ao estilo de sua produção, Nelson revolucionou os palcos brasileiros, influenciou a literatura nacional com um estilo incomparável, criou inúmeros folhetins e um único romance, além de

incontáveis contos e crônicas que até hoje fascinam os leitores que se aventuram por suas obras.

Os contos de *A vida como ela é...* foram escritos ao longo da década de 50 (entre 1951 e 1961) em uma coluna diária de mesmo nome no jornal *Última Hora*. A coluna surgiu a pedido do dono do periódico, Samuel Wainer, e foi a grande responsável pela popularidade de Nelson naquele período, devido seu estilo despojado de romantismo sentimental, que refletia a realidade nua e crua de uma sociedade obsessiva e materialista. O adultério, a traição, o incesto e principalmente a morte eram temas tratados com naturalidade em suas narrativas, inovando assim o processo de criação literária sob uma ótica moderna. Tal fato é confirmado por Castro (1992, p.238), ao citar a maneira com que o próprio Nelson Rodrigues definiu sua coluna e os temas tratados por ela no jornal:

Os primeiros meses de *A vida como ela é...* tinha outra diferença em relação ao que a coluna seria no futuro: as histórias eram tristíssimas. Quase todos os adultérios terminavam em morte. Nelson explicou-se longamente na ocasião: Desde o primeiro momento, *A vida como ela é...* apresentou uma característica quase inacreditável: é uma coluna triste. Impossível qualquer disfarce, qualquer sofisma. Por uma destinação irresistível, só trata de paixões, crimes, velórios e adultérios. Impôs-se uma dupla condição: sofriam os personagens e os leitores.

Em seus anos de publicação, a coluna diária rendeu mais de duas mil histórias. À maneira do melhor jornalismo, seus contos falam diretamente ao público por meio de uma linguagem enxuta, diálogos ágeis e personagens bem delineadas, com narrativas na maioria das vezes baseadas em algum fato real veiculado no jornal do dia.

Apesar das maiores realizações de Nelson Rodrigues se figurarem na dramaturgia, é inegável a contribuição que o escritor trouxe para o conto brasileiro, tanto por seu estilo peculiar, marcado por uma inesgotável capacidade de criar frases de efeito, quanto pelo modo polêmico e iconoclasta com que retratou os costumes cariocas. Através de suas histórias, Nelson criou uma série de expressões que sobrevivem até hoje. Entre as inúmeras frases que caracterizaram o típico humor ácido do autor, encontra-se inserida na obra nomeada a expressão “A um morto se perdoa!” (RODRIGUES, 2006), que servirá como mote para a análise dos três contos selecionados para o estudo.

Ao abordar o significado que tal expressão acarreta, faz-se necessário reiterar que a morte é uma figura recorrente nos contos de *A vida como ela é...* e que, na maioria das vezes, está relacionada às atitudes das personagens, como consequência por alguma transgressão por elas empreendida. E por ser geralmente o valor pago pela violação de alguma conduta moral, é que a morte assumirá o papel de redentora dos pecados cometidos pelas personagens nos contos de Nelson Rodrigues.

2.2 Considerações sobre a morte

Tentar responder a questão compreendida pela definição do que é a morte conduz a uma discussão que envolve valores culturais e religiosos pessoais, e entrar em tal contenda

seria querer abarcar conceitos não cabíveis aos objetivos deste trabalho. Tais considerações estão além daquilo que se pretende empreender na discussão sobre a temática da morte nos contos de *A vida como ela é...* Dessa forma, procurou-se utilizar a definição do verbete *morte*, retirado da Grande Enciclopédia Larrouse Cultural (1998 p.4091), para o embasamento preliminar do tema no presente estudo:

Morte s.f. (do lat. *Mors, mortis*) 1. Cessação definitiva da vida animal ou vegetal. – 2. Cessação definitiva da vida de um ser humano. (Sin. Falecimento, Trânsito, Pensamento, Desaparecimento, Decesso, Óbito.) – 3. Maneira de morrer; circunstâncias que acompanham a morte. – 4. Fig. Destruição, perda termo; ruína. – 5. Figura alegórica representando um esqueleto humano armado de foice.

De acordo com a definição exposta, o significado do termo está associado ao término ou interrupção da vida, sendo esta ideia muito clara para todos os seres humanos, os únicos dotados da consciência de sua própria morte (MORIN, 1976). É comum a sabedoria popular dizer que a morte é a única certeza de um indivíduo durante toda sua vida. Porém, apesar desta conscientização ser intrínseca ao homem, tal fato não torna a morte menos angustiante para ele. Por isso, “a consciência realista da morte é traumática na sua própria essência, a consciência traumática da morte é realista na sua própria essência” (MORIN, 1976, p.33).

A impotência diante da morte conduz os seres humanos a vê-la como um acidente que acontece apenas ao outro. O homem tem medo do desconhecido e a morte é encarada comumente com angústia e pavor. Devido à consciência que este tem de sua morte, vive-se como se ela não existisse, fantasiando assim a imortalidade, como se a sua própria morte não estivesse presente em suas relações, num processo de negação. Morin (1976) considera que a ilusão da imortalidade não significa ignorar a morte, mas sim temê-la. “Assim, a mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento” (MORIN, 1976, p.26).

A morte, sob o ângulo humano, não é apenas a destruição de um estado físico e biológico, mas é, simultaneamente, a de um ser que está em permanente relação com os outros, em interação, conduzindo a que o vazio provocado não atinja somente os próximos, mas toda a esfera social (RODRIGUES *apud* FERREIRA, 2006, p.3-4).

Ao longo da história, a morte representou diversos papéis na sociedade ocidental, passando de acontecimento público para uma passagem individual. Além disso, o homem também começou a perceber na morte uma arma de grande força persuasiva, capaz de convencer multidões sob sua simples ameaça. Nesta concepção, além de despertar o medo e também o horror, que segundo Morin (1976, p.32) nada mais é do que “o sentimento ou a consciência da perda da individualidade”, a morte tem na sociedade o papel de moldar as atitudes de um sujeito em função de sua influência, no desenvolvimento de suas práticas e relações sociais, conforme afirma Ariès (1988 *apud* FERREIRA, 2006, p.4):

Na verdade, a natureza da morte, bem como a própria realidade da morte e do morrer têm sido consideradas como estando na base da cultura, remetendo para a estruturação da própria vida. [...] a morte modela o caráter e o significado das práticas e das relações sociais, reflectindo a sua importância em todas as áreas da existência humana, da esfera pública à privada.

Segundo Ferreira (2006, p.1), “a percepção da morte, com as suas diferentes concepções e representações, depende não só do tempo histórico em que ocorre, mas também do contexto familiar, social e cultural em que a mesma se insere”. Por isso, ao se abordar a temática da morte nos contos de *A vida como ela é...* e justificar sua presença como redentora das violações morais cometidas pelas personagens, é necessário avaliar em qual contexto a obra foi escrita, considerando os costumes da sociedade da época, pretendendo assim compreender qual o sentido que será dada à sua representação.

Para que essa contextualização seja coerente, vale ressaltar que durante pouco mais de uma década, Nelson Rodrigues escreveu os contos para sua coluna para o jornal *Última Hora* buscando inspiração naquilo que a sociedade carioca da década de 50 poderia lhe proporcionar como material para a sua produção literária. Partindo de elementos encontrados em casos cotidianos e fatos noticiados por jornais, Castro (1992) coloca que as linhas diárias de *A vida como ela é...* foram povoadas por um elenco de tipos jovens e baseadas em histórias ouvidas da boca de amigos, quase sempre temperadas com um toque de ironia e humor que não constavam do original, sendo a morte uma figura sempre presente na maioria dos enredos.

A vida como ela é... não estava transformando Nelson apenas no jornalista mais popular do Rio. Começava a torná-lo também um personagem – que os leitores identificavam com os da coluna. A ciranda de mortes em suas histórias fazia com que se dissesse, por exemplo, que ele dormia num caixão de defuntos, que tirava soneca entre quatro cirios (CASTRO, 1992, p.241).

Diante da colocação feita por Castro e repensando toda a produção de Nelson Rodrigues, pode-se facilmente perceber a temática da morte está presente na maioria das obras do autor. A morte aparece nas suas mais diversas formas, que de acordo com o estudioso Louis-Vincent Thomas, existem em quatro tipos: a biológica ou física, a psíquica, a espiritual e a social (THOMAS, 1978 *apud* FERREIRA, 2006).

Quer seja em seu teatro ou em seus contos, Rodrigues sempre recorreu à temática por acreditar que nela se encontra o caráter moralista necessário à época, ou seja, as violações morais eram punidas com as mais diferentes formas de morte. Dessa forma, a análise da figura da morte nos contos de *A vida como ela é...* parte da frase “A um morto se perdoa!”, que servirá como justificativa das personagens para as atitudes que se seguem na narrativa.

2.3 A morte nos contos de *A vida como ela é...*

No imaginário popular, durante muito tempo as doutrinas pregadas pela igreja cristã ocuparam-se de construir a ideia de que as almas cujos pecados não são perdoados são conduzidas para os horrores do inferno ou aquelas que tinham

seus pecados confessados eram levadas ao paraíso, como registra Ferreira (2006, p.3):

A própria Igreja Cristã fez, durante séculos, bastante pressão sobre os crentes, ao afirmar que a vida no mundo do além dependia das ações que os indivíduos praticassem no mundo terreno, originando as constantes referências ao fogo infernal, ao paraíso celestial e ao purgatório.

Nessa concepção, a culpa e o medo do castigo são recorrentes. Por isso, a aflição em deixar a vida remido de todos os pecados fez com que o homem repensasse sua maneira de enxergar a morte. A busca constante pelo morrer bem faz com que o indivíduo tente resolver aquilo que lhe impede de deixar a vida com a consciência tranquila.

O primeiro conto analisado foi “O justo” (RODRIGUES, 2006), cuja trama se inicia com a revelação da gravidez inesperada de Isaurinha, moça muito bonita e agregada da família, notícia esta que abalará a todos. Clementino, representante máximo da tradicional família, obrigará Isaurinha a revelar o nome do pai do bebê. Esta acusa o caçula Juca, que após ser espancado pelo pai, acaba confessando. Para reparar o dano causado à Isaurinha, ele obrigará seu filho a se casar com a moça. Juca se casa e, na noite de núpcias, coage Isaurinha a dizer quem é o verdadeiro pai da criança. Ela, após horas sob a pressão dos questionamentos, acaba dizendo que fora Clementino quem a engravidara. Juca vai confrontar o pai em seu escritório, e ameaça revelar a verdade à família toda. Diante desta intimidação, Clementino decide se suicidar.

O conto trabalha com a ideia da morte como única maneira de conseguir o perdão da família e a absolvição pelo crime cometido. Neste caso, o crime consiste na sedução de Isaurinha por Clementino, considerada por este, “como se fosse da família. Tal e qual!” (RODRIGUES, 2006, p.89), bem como na mentira que Clementino obrigara agregada a inventar, culpando o inocente Juca por sua gravidez.

Tanto na descoberta da verdade sobre a paternidade quanto no desfecho da trama, Juca apresentará duas reações antagônicas (riso e choro), que se completarão em apenas um sentido: sua redenção. Ao torturar Isaurinha para obter a verdade sobre o fato e conseguir dela a confissão, Juca põe-se a rir “numa dessas gargalhadas que o fez torcer-se, dobrar, perder a respiração” (RODRIGUES, 2006, p.93), numa espécie de alívio. Juca foi acusado injustamente, e a revelação feita por Isaurinha lhe dá a possibilidade de acusar o verdadeiro culpado e reverter a situação, provando assim a sua inocência. O caçula decide então interrogar o pai, cena que irá ocorrer da seguinte maneira:

De manhã, ele esperou que o pai saísse do quarto em direção ao banheiro: Quero falar contigo, já! Vamos! Encerraram-se no gabinete. O pai, subitamente envelhecido, esperava. E o filho Sei de tudo. E vou contar, tudo, a tua mulher, a teus filhos, a teus genros e a teus vizinhos. Agarrou-se ao filho, suplicou ignobilmente: A um morto se perdoa! A um morto se perdoa! (RODRIGUES, 2006, p.93).

A frase mote proferida por Clementino a Juca toma o

sentido de súplica, como maneira de rogar ao filho que, com sua morte, este seja capaz de perdoá-lo. A morte aparece como a única forma possível para a redenção dos seus pecados: engravidar Isaurinha e acusar injustamente o filho para escapar da culpa.

O riso que outrora Juca deixou escapar no momento em que toma consciência da verdade, se transformará em lágrima, pois durante o velório “Juca chorava mais forte que os outros e mais que a própria viúva. Mas na hora em que o enterro saiu, ele, da janela, berrava: - Vai canalha! Vai...” (RODRIGUES, 2006, p.93). Nesta acepção, os sentimentos antagônicos de Juca se completam. Riso e choro confirmam a instabilidade emocional gerada pelos sentimentos apresentados, conforme afirma Morin (MORIN, 1976, p.81):

O riso e as lágrimas são intermutáveis no chorar de rir e no derramar lágrimas de alegria. Riso e lágrimas traduzem igualmente choques de inadaptação, instabilidades sentidas cômica ou dramaticamente, ao passo que o sorriso exprime a frágil felicidade de uma adaptação conquistada. Os sentimentos humanos são sede de sincretismos instáveis, onde mesclam atração e repulsa, amor e ódio.

O pai, que se apresenta como grande conservador da ordem tradicional e dos costumes, acaba por se revelar uma grande farsa. Na verdade, não existe ordem ou modelo moral a ser seguido, já que ele próprio os transgrediu. Aniquilado pela culpa, Clementino recorre ao suicídio como tentativa de redenção de suas culpas, encontrando na morte a sua única saída, ou seja, sua redenção perante sua família.

O segundo conto analisado para o trabalho foi “A missa de sangue” (RODRIGUES, 2006). Neste conto, Clélia e Penteado formam inicialmente a representação de um casal em perfeita sintonia, casados há seis anos viviam num agarramento de meter inveja nos casais infelizes. Um dia, Clélia adocece e devido ao seu estado febril começa a delirar, chamando pelo nome de outro homem: Euzébio. Instaure-se neste momento a dúvida do marido diante da fidelidade de sua mulher. Penteado fica atordoado com a possível veracidade do fato, e acaba não se mobilizando mais para tentar salvar sua mulher, passando apenas a esperar que esta morra. Uma vez que a doença vence, Penteado manda rezar uma missa para Clélia, na remota esperança de encontrar com o homem pelo qual sua mulher chamou nos seus últimos instantes de vida. Ao final da missa, um homem se apresenta a Penteado: Euzébio de Almeida, seu criado!. O marido, certo de que se tratava do amante de sua mulher, assassina o homem com três tiros nas costas.

A morte aparece no conto em dois momentos distintos: na morte de Clélia pela doença misteriosa e no assassinato de Euzébio, suposto amante da mulher. São maneiras de morte diferentes uma da outra, porém com o mesmo objetivo: resultado de uma conduta transgressora. A condição da doença e o risco iminente da morte apenas fazem com que Penteado enxergue a morte da esposa como preço a ser pago por sua infidelidade. Diante do espanto que causou com a sua recusa em gastar mais dinheiro com o tratamento de Clélia,

tem-se na narrativa, mais uma vez, a utilização do mote para a justificação do perdão dado a um morto, como se descreve na cena abaixo descrita:

[...] Todo mundo sabia, é claro, que existia na vida de Clélia um Euzébio. Seus delírios inspiravam uma curiosidade tremenda: as comadres invadiam o quarto da moribunda, na expectativa de outras revelações. Mas soube o marido ou não, todos achavam que, enfim... Quando a moça morreu, uma tia da morta veio buscá-lo na sala; baixou a voz:

- A um morto se perdoa! (RODRIGUES, 2006, p.62).

Para Morin (1976, p.64), “o homicídio é a satisfação de um desejo de matar que nada pode suster”. Nesse sentido, no que diz respeito ao conto *A missa de sangue*, Penteado cometerá o assassinato de Euzébio, suposto amante de sua falecida esposa, como forma de retomar sua honra, pois somente dessa forma poderá se libertar do peso moral que a situação de adultério lhe impunha. Assim o ódio que o indivíduo sente pelo outro se traduzirá em uma “liberação anárquica, mas verdadeira, das ‘pulsões’ da individualidade [...]”. Sob esse mesmo pensamento, Morin (1976, p.64) ainda completa: “o homicídio é não somente a satisfação de um desejo de matar, a satisfação de matar, mas também a satisfação de matar um homem, isto é, de se afirmar pela destruição de alguém”. Penteado precisará destruir Euzébio para se sentir vingado.

O terceiro último conto analisado foi “O inferno” o qual narra a história de Lucília, viúva, tipo frágil e mãe de um garoto de 12 anos. Ela se envolve emocionalmente com um homem casado, de nome Romualdo. Ao voltar para casa após um de seus encontros amorosos, a viúva é tomada de culpa, devido sua atitude em deixar o filho em casa para se encontrar com o amante. Esta chega a insinuar à Romualdo que deixe a esposa para ficar apenas com ela, o que gera um mal estar entre ambos, acabando com a relação. Romualdo abandona Lucília e ela, desiludida, entra em depressão. O filho, testemunhando o desespero da mãe diante do abandono do homem que ama, deixa de sair de casa e começa a passar horas ao lado da mãe, “[...] como se o desespero o fascinasse, apesar de tudo” (RODRIGUES, 2006, p.15). O garoto então decide procurar Romualdo e pede para que ele volte para sua mãe, como seu último desejo. Feito isso, atira-se debaixo de um ônibus.

Neste conto, a temática da morte é invocada por meio da atitude tomada pelo filho de Lucília, como medida desesperada para que sua mãe não continue sofrendo. É apresentada na narrativa a figura do suicídio, ato complexo e de abordagem delicada, que se define pela intenção do ser humano em tirar sua própria vida, ou seja, provocar a própria morte. Ao longo da narrativa, fica nítido ao leitor que a atitude do garoto foi premeditada e deve-se ao fato deste não se conformar com a situação vivenciada por sua mãe. A premeditação de acontecimentos é típica de uma pessoa suicida e começa a dar indícios, dentro do conto a partir do trecho que segue:

Certa vez, na rua, o garoto ouviu dizer que não se nega nada a quem está morrendo, a quem vai morrer. O “último” pedido de alguém, justamente por ser o “último” é alguma coisa de

terrível e sagrado, que cumpre obedecer, sob pena de maldições tremendas. Então, afirmou:

- Ele volta, mamãe! Volta, sim! Juro por Deus! (RODRIGUES, 2006, p.15).

Apesar de não utilizar a mesma frase dos outros contos como mote, o significado desta está subentendido nas entrelinhas do texto. Dessa forma, ao se fazer a análise do excerto, é possível perceber que atitudes do filho de Lucília se explicam pelo fato deste não suportar mais ver o sofrimento da mãe, decidindo então sacrificar-se em benefício desta, esperando assim obter a aprovação – bem como o perdão – de seu ato.

A morte do garoto adquire aspectos de bíblicos, ou seja, adquire o sentido de sacrifício. Existe neste conto, portanto, uma intertextualidade com a passagem bíblica que trata do sacrifício de Jesus, imolado como cordeiro para a redenção dos pecados da humanidade. Em *A missa de sangue*, o filho de Lucília morrerá para salvar sua mãe do abandono. Mulher e amante estarão eternamente ligados um ao outro, devido ao pedido feito pelo garoto algum tempo antes de morrer. A redenção dos pecados pela morte se dará pela morte do outro.

A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, “único”, mais a dor é violenta; não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era insubstituível (MORIN, 1976, p.31).

Ainda de acordo com Morin (1976, p.199), a “ideia da redenção pelo sofrimento é e continuará a ser a maior ideia mágica do mundo moderno”, o que explica o fato do garoto ter morrido no lugar da mãe, imaginando que dessa forma Romualdo – ao aceitar cumprir o último desejo do garoto – voltaria para ela e seu sofrimento acabaria. Portanto, a redenção dos pecados pela morte se dará pela morte do outro.

3 Conclusão

A morte nos contos analisados está indissolúvelmente ligada ao amor, isto porque, para Nelson Rodrigues, amor é sinônimo de posse sexual exclusiva e o adultério é uma ofensa ao cônjuge, mesmo que essa posse seja apenas imaginária. O código social tende a ser contestado, existindo dessa forma uma tentativa de desmistificar os padrões éticos impostos pela sociedade. Motivo implícito no enredo, o sexo é sempre visto como crime, e como tal deve ser extirpado pela morte. Raras são as vezes que alguma personagem inocente sofre alguma injustiça ou é castigado de alguma forma; caso isso aconteça, é porque carrega consigo algum segredo oculto pelo qual precisa pagar. Nesse caso, as personagens recorrem aos mais diversos métodos para purgarem seus pecados.

As mortes relacionadas à redenção dos pecados demonstram, em determinados momentos, a preocupação das personagens com o morrer bem. A frase mote “A um morto se perdoa!” abriga o sentido de como a morte dos “culpados”

deverá ser encarada por aqueles que permanecem vivos. No conto “O justo”, Clementino se mata na busca de obter o perdão do filho e assim conseguir manter seu segredo oculto. Em “A missa de sangue”, Penteadado descobre a traição da mulher somente quando esta adocece e, para perdoá-la, precisa cometer um homicídio: matar aquele que lhe feriu a honra. Em “O inferno”, o filho de Lucília procura na sua própria morte a redenção do pecado da mãe e a realização de seu último desejo: uni-la para sempre a Romualdo. Dessa forma, no caso dos contos analisados, todas as mortes utilizam o pretexto de que aquele que morre deve partir remido de seus pecados, evidenciando a morte como agente redentor das transgressões sociais cometidas pelas personagens.

Referências

- ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FERREIRA, I.M.C. *A morte em quatro narrativas brasileiras da segunda metade do século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Literaturas Românicas) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.
- GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo, Nova Cultural, 1998, v. 17.
- MORIN, E. *O homem e a morte*. 2.ed. Portugal: Biblioteca Universitária, 1976.
- RODRIGUES, N. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006.